

# Análise Econômica

ANÁLISE REGIONAL DAS MESORREGIÕES DO ESTADO DO PARANÁ NO FINAL DO SÉCULO XX  
JANDIR FERRERA DE LIMA, LUCIR REINALDO ALVES, MOACIR PIFFER E CARLOS ALBERTO PIACENTI

CUSTO NA DÍVIDA PÚBLICA INTERNA DA REDUÇÃO DA VULNERABILIDADE EXTERNA BRASILEIRA ATRAVÉS DO AUMENTO DAS RESERVAS INTERNACIONAIS  
ROBERTO MEURER

DETERMINAÇÃO DE UM MODELO DE PREVISÃO UNIVARIADO PARA PREÇOS DE LEITE PAGOS AOS PRODUTORES EM SANTA CATARINA  
ARLEI LUIZ FACHINELLO E MIRIAN RUMENOS PIEDADE BACCHI

VIABILIDADE DE ESTRATÉGIAS DE HEDGE COM CONTRATOS FUTUROS DE BOI GORDO NO BRASIL  
DIANA DE MEDEIROS BAPTISTA E DANILO ROLIM DIAS DE AGUIAR

ATAQUES ESPECULATIVOS E CRISES CAMBIAIS NA ARGENTINA E NO BRASIL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA  
KELLEN FRAGA DA SILVA E FERNANDO FERRARI FILHO

A TEORIA DOS FUNDOS DE EMPRÉSTIMOS: UM ESTUDO DOS MODELOS AGREGADOS NEOCLÁSSICO E KEYNESIANO  
ALAIN HERSCOVICI

CRIME ECONÔMICO NO PARANÁ: UM ESTUDO DE CASO  
SALETE POLONIA BORILLI E PERY FRANCISCO ASSIS SHIKIDA

APLICAÇÃO DA NOVA ECONOMIA INSTITUCIONAL AO AMBIENTE PORTUÁRIO: ANÁLISE DOS CUSTOS DE TRANSAÇÃO NO PORTO DE SANTOS  
CINTIA RETZ LUCCI, ALCINDO FERNANDES GONÇALVES E ROBERTO FAVA SCARE

REDUÇÃO DE MANDATOS LEGISLATIVOS: O DEBATE ADORMECIDO  
FRANCISCO JOSÉ DE QUEIROZ PINHEIRO, CHARLES LIMA DE ALMEIDA E TITO BELCHIOR SILVA MOREIRA

ANÁLISE ECONÔMICA E AMBIENTAL DE SISTEMAS DE TERMINAÇÃO DE SUÍNOS COM A APLICAÇÃO DOS CONJUNTOS FUZZY  
JULIO EDUARDO ROHENKOHL, ORLANDO MARTINELLI E MARCOS ALVES DOS REYS

RESENHA: THE GLOBAL EVOLUTION OF INDUSTRIAL RELATIONS EVENTS, IDEAS AND THE IIRA  
CARLOS HENRIQUE HORN

ANO 24

Nº 46

Setembro, 2006

A Revista Análise Econômica agradece a colaboração dos pareceristas dos números 45 e 46, abaixo relacionados

Abraham Benzaquen Sicsu  
Adelar Fochezatto  
Ademar Ribeiro Romeiro  
Ademir Clemente  
Alexandre Stamford da Silva  
Ana Lucia Kassouf  
Andre Luis Rossi de Oliveira  
Andre Tosi Furtado  
Andrea Sales Soares de Azevedo Melo  
Angela Antonia Kageyama  
Antonio Wilson Ferreira Menezes  
Armando João Dalla Costa  
Bernardo Mueller  
Carlos Frederico Leao Rocha  
Claudio Roberto Fóffano Vasconcelos  
Cláudio Djissey Shikida  
Clesio Lourenco Xavier  
Dulio de Ávila Berni  
Eliezer Martins Diniz  
Emerson Fernandes Marçal  
Eugenio Lagemann  
Fernando Ferrari Filho  
Francisco Casimiro Filho  
Franklin Leon Peres Serrano  
Frederico Gonzaga Jayme Jr.  
Geraldo Edmundo Silva Jr.  
Helder Ferreira de Mendonça

Helder Queiroz Pinto Junior  
Izabel Cristina Takitane  
Joaquim José Martins Guilhoto  
Jailson Dias  
Jose Gabriel Porcile Meirelles  
José Rubens Damas Garlipp  
Julio César de Oliveira  
Lovois de Andrade Miguel  
Marcelo Savino Portugal  
Marcio Holland de Brito  
Marco Aurelio Crocco Afonso  
Marcos Costa Holanda  
Mônica Viegas Andrade  
Paulo Dabdab Waquil  
Paulo Sergio Fracalanza  
Pedro Bandeira  
Pedro Valentim Marques  
Pery Francisco Assis Shikida  
Renato Leite Marcondes  
Roberto Camps Moraes  
Ronald Otto Hilbrech  
Ronaldo de Albuquerque e Arraes  
Ronaldo Seroa da Motta  
Thompson Almeida Andrade  
Tito Belchior Silva Moreira  
Valmor Marchetti  
Vladimir Kuhl Teles

## RESENHA DE LIVRO

KAUFMAN, Bruce. *The global evolution of industrial relations: events, ideas and the IIRA*. Genebra: International Labour Office, 2004. xxv + 722 p.

Carlos Henrique Horn\*

O campo de estudo das relações de trabalho, em sua tradição anglo-saxônica de *industrial relations* (IR), nunca chegou a ter representação importante nas ciências sociais brasileiras. Contam-se nos dedos os cientistas nacionais que buscaram, no arcabouço conceitual e teórico daquela tradição, um referencial para suas pesquisas sobre relações de trabalho. E isto vale inclusive para o período recente, quando os temas, conceitos e abordagens do campo de estudo transbordaram de sua base original e ganharam ímpeto no continente europeu e em diversos países da África, Ásia e América Latina. De um ponto de vista estritamente paroquial, portanto, o livro de Bruce Kaufman, *The global evolution of industrial relations: events, ideas and the IIRA*, deve ser saudado como uma oportunidade, em forma condensada, de tomarmos conhecimento dessa tradição de estudos do mundo do trabalho. Visto em perspectiva mais geral, trata-se de um formidável exercício de síntese, sem precedentes na literatura internacional sobre relações de trabalho.

O livro nasceu do interesse da Associação Internacional de Relações de Trabalho (IIRA – *International Industrial Relations Association*) em elaborar uma história institucional de suas contribuições para o progresso do campo desde sua fundação em 1966. Bruce Kaufman, professor de Economia e Relações de Trabalho no *W. T. Beebe Institute of Personnel and Employment Relations*, na Universidade do Estado da Geórgia (EUA), com vasta obra na qual se destacam as análises sobre o desenvolvimento do IR nos EUA e uma ênfase na formulação teórica, acabou por aceitar o convite da Associação, ampliando consideravelmente o escopo primário do texto. O resultado é uma história compreensiva dos fatos e idéias deste campo de estudo e de prática profissional, cobrindo o período entre seu nascimento nos Estados

\* Professor UFRGS. E-mail: horn@ufrgs.br

Recebido em abril de 2006. Aceito em maio de 2006.

Unidos, ao final da década de 1910, até os dias atuais, e suas manifestações nos diversos quadrantes do mundo. A edição é da Organização Internacional do Trabalho.

Os 13 capítulos da obra, incluindo-se a introdução, estão ordenados segundo uma periodização baseada nos principais momentos da evolução do estudo das relações de trabalho, com destaque para o mundo anglo-saxônico. Os dois primeiros capítulos servem para fixar o terreno da abordagem e apresentar uma pré-história do estudo das relações de trabalho. Assim, o capítulo introdutório expõe o objeto de investigação do *IR* e a estrutura do livro, ao passo que o capítulo primeiro sistematiza os antecedentes factuais e teóricos do campo de estudo. A narrativa dos capítulos 2 a 8 debruça-se, então, sobre a história do *IR* nos Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Austrália e Nova Zelândia no período entre o final da Primeira Guerra Mundial e os primórdios do século XXI. A exceção é o capítulo 6, que se destina a contar os fatos e as motivações que levaram à criação da Associação Internacional de Relações de Trabalho. Na seqüência, os capítulos 9 e 10 ocupam-se da difusão do campo, respectivamente, na Europa Continental e em países da África, Ásia e América Latina. No capítulo 11, o autor estende o argumento central desenvolvido nas páginas sobre a criação da *IIRA*, acerca do papel decisivo dessa instituição na expansão internacional do campo de estudo. O livro encerra, no capítulo 12, com um balanço retrospectivo do *IR* e uma análise sucinta de suas dificuldades e perspectivas no novo século.

Nas páginas introdutórias do livro, Kaufman destaca que, embora o fenômeno das relações de trabalho seja encontrado em todos os países em que pessoas se engajam na ocupação produtiva através do emprego assalariado, o campo de estudo nele abordado consiste de um enfoque particular desse fenômeno, com seu próprio arcabouço de referência, seus conceitos e teorias, técnicas e práticas e compromissos ideológicos. O autor trata, então, de esclarecer essa especificidade do *IR* ao examinar-lhe os vários significados que recebeu no mundo dos negócios e na academia. Por exemplo, na academia, o termo *industrial relations*, definido de modo amplo, compreende todos os aspectos do trabalho e do emprego e, neste sentido, seu estudo pretende-se explicitamente interdisciplinar. Ainda na introdução do livro, Kaufman revela uma motivação para o engajamento intelectual – e, quem sabe, militante – no campo do *IR* ao propor, como lição de suas páginas, que “sem um programa de *industrial relations* – concebido neste volume para representar as regras, instituições e práticas que humanizem, profissionalizem, democratizem, estabilizem e equilibrem os mercados de trabalho e a relação de emprego – o sistema capita-

lista global tornar-se-á disfuncional e, muito possivelmente, auto-destrutivo” (p. 8, tradução do autor).

Os antecedentes factuais e teóricos do *IR* são esboçados no primeiro capítulo. Quanto aos primeiros, Kaufman entende que o campo das relações de trabalho é uma consequência de três revoluções inter-relacionadas, situadas nos séculos XVIII e XIX: a Revolução Industrial, a Revolução Democrática e a emergência e ascensão do capitalismo e a difusão da economia mercantil. A confluência do capitalismo, de uma economia orientada pelo mercado e do industrialismo criou as condições e relações sociais fundamentais que mais tarde se tornaram conceitos-chave e a própria razão de ser do *IR*, de que se destacam: o mercado de trabalho e a relação salarial, a condição particular da mercadoria força de trabalho, a relação de emprego, os elementos de conflito e de cooperação inerentes à relação de emprego, a relação assimétrica de autoridade que marca a relação de emprego etc. Por seu turno, a experiência da vida diária dos trabalhadores sob o industrialismo e o capitalismo do século XIX (insegurança, rudeza e injustiça) teria levado a três processos de fundamental importância para o campo: o surgimento de uma consciência das classes trabalhadoras, a multiplicação de greves e protestos liderados por trabalhadores e a criação dos sindicatos. Já quanto aos antecedentes teóricos do *IR*, Kaufman reúne diferentes tradições numa lista heterogênea que inclui a Economia Política inglesa, a Economia neoclássica, a Economia marxiana, o anarco-sindicalismo, a Economia sócio-histórica alemã, a Sociologia, os estudos sobre a administração de empresas, o Direito, a Psicologia e o Cristianismo Social.

Os capítulos 2 e 3 tratam da criação e dos primeiros desenvolvimentos do campo. De acordo com Kaufman, o que veio a ser conhecido como *industrial relations* nasceu nos Estados Unidos ao final da década de 1910. As razões imediatas para sua criação, associadas ao denominado Problema do Emprego (correlato da Questão Social na Europa), e os primeiros estágios do seu desenvolvimento são examinados no capítulo segundo. A par de uma discussão mais pormenorizada sobre o significado do termo *industrial relations*, a estrutura desse capítulo fixa o padrão de abordagem que Kaufman repete para os demais casos nacionais, enfatizando as questões e idéias principais e a configuração institucional do campo das relações de trabalho em cada país. No que tange ao significado de *relações de trabalho*, o autor afirma que as manifestações do campo correspondem a três diferentes faces de sua existência: uma face científica, uma face voltada à solução de problemas práticos e uma face ético-ideológica. Na sua origem norte-americana, essas três faces expressaram-se através das duas correntes em

que se dividiu o campo, quais sejam, a escola de administração de pessoal e a economia institucional do trabalho. Os princípios básicos de cada corrente, seus principais personagens e organizações, a criação de cursos, departamentos e institutos nas universidades e as primeiras publicações científicas do *IR* são explorados em detalhe ao longo do capítulo.

No capítulo 3, a atenção volta-se para o exame do nascimento do *IR* no Reino Unido e da criação da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 1919) e do Instituto de Relações de Trabalho (IRT, 1925) na Europa. Uma parte considerável desse capítulo é destinada à discussão do “interessante paradoxo” representado pela criação do campo nos EUA, não obstante o Reino Unido ter sido o palco da Revolução Industrial e da ação dos mais influentes escritores sobre sindicatos e negociações coletivas no final do século XIX, Sidney e Beatrice Webb. Kaufman, todavia, situa os estágios iniciais do *IR* no Reino Unido apenas nos anos 1920 e sua constituição como campo de estudo universitário na década seguinte. O capítulo conclui com um exame da terceira linha principal de desenvolvimento do campo nas primeiras décadas do século XX, representada pela criação da OIT.

No período entre meados dos anos 1930, após o recrudescimento do Problema do Emprego, e o final dos anos 1950, o campo do *IR* vivenciou sua época de ouro nos EUA. A história desse período é narrada, no capítulo 4, a partir do marco de referência representado pela política do trabalho do *New Deal*, de que se destaca o *Wagner Act* e sua opção preferencial pela negociação coletiva como meio de solução dos conflitos trabalhistas. Segundo Kaufman, essa lei, ao incentivar a maquinaria particular que caracterizou o sistema norte-americano de relações de trabalho nas décadas seguintes, determinou também uma divisão sem retorno entre as duas alas que fundaram o campo nos EUA. A corrente dos empregadores progressistas, alinhada na escola de administração de pessoal, opôs-se à primazia legal da negociação coletiva, ao passo que os economistas institucionalistas do trabalho não apenas a aplaudiram, como foram ativos personagens na formulação e execução do *New Deal* em geral e da sua política trabalhista em particular. O capítulo trata, ainda, da escola das relações humanas e da institucionalização do *IR* nas universidades norte-americanas.

O capítulo 5 aborda os desenvolvimentos do campo no restante do mundo anglo-saxônico entre o final da Segunda Guerra e meados dos anos 1960. Nesse período, consolidaram-se as instituições do *IR* no Reino Unido, ao mesmo tempo em que se difundiram rapidamente no Canadá, na Austrália e na Nova Zelândia. ... as características gerais dos sistemas nacionais de relações de trabalho desses países, as

pessoas e instituições do campo e a presença do *IR* na academia formam os tópicos principais examinados no capítulo.

O objeto do capítulo 6 é a criação da Associação Internacional de Relações de Trabalho. De acordo com Kaufman, essa instituição deu enorme impulso à difusão do campo, até então confinado aos limites do mundo anglo-saxônico. A *IIRA* foi fundada em junho de 1966, num encontro ocorrido em Londres, como resultado, em parte, da crescente importância das questões associadas à relação de emprego na agenda da OIT. Seu propósito geral era o de “promover o estudo das relações de trabalho em diferentes disciplinas acadêmicas em todo o mundo” (p. 317, tradução do autor). Nasceu, pois, como uma instituição de caráter científico, sendo financiada e abrigada pela OIT. Mantendo a linha narrativa básica do livro, Kaufman destaca as motivações, pessoas e instituições envolvidas na criação da *IIRA*, dando conta, ainda, das dificuldades e superações dos primeiros dez anos de sua existência. A história iniciada neste capítulo continua no capítulo 11, que cobre os desenvolvimentos da *IIRA* desde o quarto encontro internacional da Associação, realizado em 1976, aos dias de hoje. Analisa, ainda, as relações entre o campo do *IR* e a OIT no período recente.

Após um desvio para tratar da criação da *IIRA*, Kaufman retoma a história do *IR* no mundo anglo-saxônico, nos capítulos 7 e 8, a fim de abordar sua evolução num período mais recente. O capítulo 7 é dedicado ao caso norte-americano e apresenta, fundamentalmente, a narrativa da longa trajetória de declínio cumulativo do campo neste país entre o final dos anos 1960 e os primórdios do século XXI. O autor explora detalhadamente os fatos e as razões do declínio do *IR*, o qual enxerga, antes de tudo, como o declínio de um arranjo institucional e projeto de investigação científica inaugurado no *New Deal* e que conferia proeminência aos sindicatos e às negociações coletivas de trabalho, ao mesmo tempo que desprezava contribuições advindas de disciplinas nascentes, como a do comportamento organizacional.

O capítulo 8 traça a história do campo no Reino Unido, Canadá, Austrália e Nova Zelândia desde o início dos anos 1960. Nas duas décadas iniciais desse período, a história do *IR* nesses países, marcada por uma trajetória de ascensão, registra diferenças notáveis para com os desenvolvimentos nos EUA. No Reino Unido, os anos entre a formação da *Donovan Commission*, em 1965, e o princípio do governo Thatcher, em 1979, são conhecidos como a época de ouro do *IR* naquele país. Nos últimos vinte anos do século XX, entretanto, o campo perdeu vigor no Reino Unido, o que gerou um processo descendente, ainda que em intensidade menos pronunciada do que a norte-americana e com sinais de recuperação após a assunção dos trabalhistas

vitoriosos nas eleições de 1997. Dada a semelhança entre as linhas gerais de evolução do *IR* nos países abordados no capítulo, em que um período de ascenso deu lugar a outro de declínio, Kaufman refere-se a um padrão de *V* invertido para descrever suas trajetórias.

Tendo dedicado seis capítulos do livro à história do *IR* no mundo anglo-saxônico, Kaufman finalmente desloca sua atenção para outros países da Europa, no capítulo 9, e dos continentes asiático, africano e latino-americano, no capítulo 10. Esse “anglocentrismo” do autor reflete sua própria definição do campo como um particular enfoque para as questões do mundo do trabalho. Não é demais insistir nesse ponto: o fato de o livro dedicar dois terços de suas páginas aos desenvolvimentos nos EUA, Reino Unido, Canadá, Austrália e Nova Zelândia não representa uma suposta crença errônea do autor – a da inexistência de estudos sobre o mundo do trabalho em outros países –, mas sim que o modo específico de abordar tais problemas, denominado *industrial relations*, foi uma criação anglo-saxônica, circunscrevendo-se àqueles países nas décadas iniciais de sua existência. Somente a partir dos anos 1960, com a fundação da *IIRA*, surgiria um impulso efetivo à internacionalização do campo.

O capítulo 9 corresponde ao continente europeu. Kaufman discute as razões da tardia difusão do *IR* nessa região, procurando assinalar as diferenças entre o enfoque do *IR* e o das ciências sociais européias na análise dos problemas do mundo do trabalho. Trata, na seqüência, das razões do desenvolvimento do campo na Europa. Finaliza com uma descrição dos casos nacionais francês e alemão. Já o capítulo 10 envolve um agrupamento bastante heterogêneo de países. Uma atenção específica é dada aos casos de Israel, da Índia, do Japão, da Coreia do Sul, da Nigéria e da África do Sul. A América Latina é tratada em bloco e as especificidades nacionais são registradas de modo bastante superficial ao longo da seção destinada à região. O Brasil ocupa pouco mais do que uma página, refletindo a presença escassa do *IR* em nosso mundo acadêmico vis-à-vis outros países. As principais referências institucionais acadêmicas estão corretas e englobam USP, CESIT-UNICAMP, PUCMG e a ABET, mas há que se assinalar a ausência de uma instituição não-acadêmica de longa tradição e importância nas relações de trabalho no país, o DIEESE.

A síntese de cada capítulo apresentada até aqui permite rever a estrutura da obra de Kaufman nos seguintes termos. O autor aborda: (a) os antecedentes factuais e teóricos do campo no capítulo 1; (b) a história do *IR* nos Estados Unidos, da sua criação em fins dos anos 1910 aos primeiros anos do século XXI, nos capítulos 2, 4 e 7; (c) a

história do *IR* no Reino Unido, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, completando o cenário anglo-saxônico, nos capítulos 3, 5 e 8; (d) a história do *IR* em outros países europeus, no capítulo 9; (e) a história do *IR* em países selecionados da África, Ásia e América Latina, no capítulo 10; e (f) a criação, o desenvolvimento e o papel da *IIRA*, nos capítulos 6 e 11.

*The global evolution of industrial relations* encerra, no capítulo 12, com uma síntese retrospectiva e uma avaliação do futuro do campo. Além de rememorar fatos associados à criação e ao desenvolvimento do *IR*, Kaufman volta a enfatizar as razões do seu declínio nos EUA, contrastando-as com o caso britânico. O padrão de V invertido é referido, então, como característico não apenas da história desses países após a Segunda Guerra, mas como o caso geral ao final do século XX, revelando as dificuldades de que padecem o estudo e a prática de *industrial relations* no mundo contemporâneo. Kaufman pergunta-se: "teria a expansão global do *industrial relations* terminado nos anos 1990 e agora as forças da contração se mostram cada vez mais poderosas? (...) Teria o campo global do *industrial relations* embarcado em sua primeira trajetória descendente do padrão de V invertido, e, assim, o declínio do *IR* americano poderia ser visto como um sinal do que viria a ocorrer em outros países? (...) Teriam sido o campo do *industrial relations* e o movimento sindical por ele estudado e promovido não mais do que um estágio particular do desenvolvimento capitalista, tornando-se agora crescentemente obsoletos e batendo em retirada para os registros da história?" (p. 620-621, tradução do autor). As últimas dez páginas da longa e vivaz narrativa de Kaufman oferecem, na forma de um programa de pesquisa para o campo, uma resposta sintética e otimista do autor quanto ao futuro do *industrial relations*.